

DOI: 10.46943/IV.CONBRALE.2022.01.019

VOZES DE CRIANÇAS NÃO ALFABETIZADAS NO CONTEXTO DAS PESQUISAS ACADÊMICAS

ANA CLARISSA GOMES DE FRANÇA¹
DENISE MARIA DE CARVALHO LOPES²
ELAINE LUCIANA SOBRAL DANTAS³

RESUMO

A alfabetização de crianças é uma temática bastante discutida no meio acadêmico, porém, as vozes dos sujeitos participantes desse processo de aprendizagem nem sempre são consideradas para se pensar o próprio processo. Nesse sentido, o artigo analisa de que forma as vozes de crianças não alfabetizadas aparecem na produção acadêmica nacional. É feita uma discussão inicial sobre as concepções de infâncias, crianças e a relevância de serem ouvidas nos estudos acadêmicos que as envolvem, especialmente em relação aos seus processos de alfabetização. Para a análise da produção acadêmica, foi realizado um levantamento bibliográfico, na qual buscou investigações que focalizam o processo de alfabetização para crianças, entre 2006 e 2020, tomando como fonte a Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD), os anais digitais da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED), anais de encontros bianuais do Congresso Brasileiro de Alfabetização (CONBALF) e nos anais dos encontros bianuais do Congresso de Leitura – COLE, no qual foram encontrados 14 trabalhos, entre dissertações e artigos. O levantamento demonstrou que as pesquisas com crianças em processo de alfabetização em sua maioria acontecem nos anos iniciais (1º e 2º ano) e aponta uma ausência de estudos com crianças não alfabetizadas,

1 Professora Mestre da Rede Municipal de Natal – RN, anaclarissarn@yahoo.com.br;

2 Professora Doutora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, denisem-clufrn@gmail.com;

3 Professora Doutora da Universidade Federal Rural do Semi Árido - UFERSA, elaine.sobral@ufersa.edu.br.

de 4º e 5º ano. Das pesquisas analisadas, poucas se dispuseram a ouvir as crianças para conhecer o que elas pensam e como elas significam o processo de aprendizagem, mas sim, no trabalho da leitura e da escrita voltadas para questões ortográficas e escolarizadas.

Palavras-chave: Alfabetização; Crianças e Infâncias; Crianças não Alfabetizadas; Escuta das Crianças; Pesquisa Bibliográfica.

INTRODUÇÃO

Olhar analítico à produção acadêmica que priorize ouvir crianças não alfabetizadas sobre a alfabetização emerge do reconhecimento de uma ciência que a partir das perspectivas das crianças contribua para repensar os modos como o processo de alfabetização vem se desenvolvendo nas escolas, de como incide sobre os sujeitos aprendizes que, ao não aprenderem, são marcados por esse “resultado negativo” em relação à aprendizagem, e que, por vezes, vão sendo esquecidas ou invisibilizadas no dia a dia da escola e da própria sociedade. Por não estarem alfabetizadas, quando chegam às turmas de 4º ano começam a repetir de ano e acabam formando um grupo de alunos “fora de faixa” ou “fora do fluxo”.

Sendo assim, este texto assume a concepção de crianças, todas elas, alfabetizadas ou não, como sujeitos de pesquisa, participantes e produtores de visões próprias e pertinentes de mundo e de si mesmas. Pertencentes a distintos contextos social e histórico, com singularidades e especificidades nos modos de ser criança e de viverem as suas infâncias.

Segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA (2019) no Art. 2º “considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos”, porém, as concepções de criança perpassam as idades, diferem de acordo com o tempo, com a cultura e com o meio social. Nas Ciências Humanas as crianças nem sempre estiveram presentes como objeto e como sujeitos das pesquisas devido aos diferentes modos de se considerá-las em suas infâncias.

Os estudos da Sociologia da Infância (SARMENTO, 2007), assim como a História da Infância (ARIÈS, 2006; HEYWOOD, 2002), nos mostram que é recente, na história social, a emergência de interesse especial em relação às crianças e suas infâncias, articulada a transformações históricas que mobilizaram diferentes concepções sobre esses sujeitos e suas especificidades.

Dahlberg, Moss e Pence (2019) dialogam sobre os diferentes modos de conceber a criança elaborados na história: como reprodutora de conhecimento, identidade e cultura; como inocente, nos anos dourados da vida; como natureza ou científica com estágios biológicos; como fator de suprimento do mercado de trabalho; como construtora de conhecimento, identidade e cultura. Essas diferentes visões influenciaram a produção científica, os interesses mais voltados para algumas idades e os modos de concebê-las enquanto aprendizes. Os autores acrescentam, de uma perspectiva pós-moderna, que não há um conceito fechado e único

sobre criança, na verdade “há muitas crianças e muitas infâncias, cada uma construída por nosso entendimento da infância e do que as crianças são e devem ser (2019, p. 63)”.

Por sua vez, teorias da Psicologia buscaram compreender, de diferentes perspectivas, as especificidades da criança como sujeito em desenvolvimento e seu processo de constituição mental e seus modos de funcionamento psíquico, próprios do ser humano, afirmando as relações, nesses processos, entre biológico e cultural, individual e social, pensamento e linguagem cognição e afetividade, brincadeira e desenvolvimento, entre outras.

Desses estudos, dentre outros, tem se elaborado uma concepção de crianças como sujeitos sociais e históricos (KRAMER,2007), capazes de produzir sentidos acerca do mundo e de si mesmas, em articulação com a realidade onde vivem e com suas próprias experiências, mediadas pelos outros e pela linguagem, como afirma Vigotski (2009). As crianças, com a sua racionalidade própria, têm muito a nos dizer sobre as significações que elaboram a partir das relações que estabelecem com a cultura, inclusive com os objetos de conhecimento aos quais têm acesso nos diferentes contextos onde vivem, tais como a escola. Com essas significações próprias, elas produzem cultura, ao mesmo tempo que também são marcadas pelas culturas com as quais interagem. Tais sentidos compõem as visões de mundo existentes na sociedade em cada tempo e lugar.

Nessa perspectiva, se o trabalho pedagógico na escola é realizado com crianças, se elas são sujeitos aprendizes e (inter)ativos nos processos de aprendizagem, é importante compreendê-las como participantes, ouvindo o que elas dizem, pensam e como significam o próprio processo de aprendizagem – e de não aprendizagem. Em especial, revela-se importante ouvir aquelas crianças que vão sendo esquecidas ou invisibilizadas em seus não avanços, como ocorre em relação (não)apropriação da língua escrita. “As crianças têm uma voz própria e devem ser ouvidas de modo a serem consideradas com seriedade” (DAHLBERG, MOSS e PENCE, 2019. p. 71).

Desse modo, ouvindo o que dizem as crianças, nega-se a ideia de infância como a idade do não, que “está inscrita desde o étimo da palavra latina que designa esta geração: infans - o que não fala” (SARMENTO, 2007. p. 33), e assume-se a concepção de crianças e infâncias com visibilidade cívica e participativa. A partir de uma ciência que busque ouvi-las.

Considerando os sentidos que elas constroem sobre as suas experiências e aprendizagens escolares, esse artigo, como parte de uma pesquisa de mestrado realizada entre 2020-2022, tem como objetivo

analisar de que forma as vozes de crianças não alfabetizadas aparecem na produção acadêmica nacional. Dando importância ao que as crianças têm a dizer, se faz necessário descobrir o que os estudos atuais mostram em relação a esses sujeitos, se as suas vozes se fazem presentes nas produções científicas que discutem práticas a elas destinadas.

METODOLOGIA

Ao pensar uma ciência que ouve o que as crianças têm a dizer, que busca conhecer as significações delas em relação ao seu próprio processo de aprendizagem e considerando a realidade atual dos alunos da rede pública de ensino em nosso município, verificamos que são muitos os que não se alfabetizam nos três primeiros anos do Ensino Fundamental 1. Pensando neles como sujeitos que precisam ser ouvidos nos questionamos se as vozes e os sentidos de crianças não alfabetizadas – sobre o processo de alfabetização – já despertaram inquietações em outros pesquisadores, para isso realizamos uma pesquisa em forma de levantamento bibliográfico.

O levantamento empreendido envolveu artigos, dissertações e teses produzidas em um período de quatorze anos (2006 a 2020). Esse recorte temporal considerou a Lei nº 11.274/2006 como um marco nas discussões da temática na área. Esta Lei instituiu o Ensino Fundamental de 9 anos e a inserção das crianças de 6 anos no Ensino Fundamental, bem como a ampliação do Ciclo de Alfabetização para os três primeiros anos dessa etapa. Consideramos também os programas de formação de professores alfabetizadores que a partir de 2006 passaram a se destinar aos professores de 1º a 3º ano e também a criação das Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica e Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de 9 anos, em 2010, vigentes até o momento atual. Estas diretrizes definiram que o foco dos três primeiros anos do Ensino Fundamental era a alfabetização.

Esses pontos aqui elencados justificam a escolha para o recorte temporal, na medida em que se percebe que essas ações empreendidas a partir de 2006, apesar de não serem os únicos fatores que favorecem a aprendizagem, buscaram contribuir com o processo de alfabetização de crianças.

Outro fator que consideramos foram os resultados do IDEB dos últimos anos e da ANA (2013, 2015, 2016) que apontam para um contingente significativo de crianças que não conseguem se alfabetizar plenamente na escola, mesmo após três anos de estudo. Ou seja, mesmo com as

formações voltadas para professores que trabalham com crianças em processo de alfabetização e com as diretrizes orientando que esse trabalho aconteça até o 3º ano, crianças ainda estão chegando em turmas de 4º e 5º ano sem terem sido alfabetizadas.

Os sítios que serviram de base para a construção dos dados foram a Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) - por terem as pesquisas originais iniciais sobre os temas nas universidades - os anais digitais da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED), anais de encontros bianuais do Congresso Brasileiro de Alfabetização (CONBALF) de 2013 a 2019 e nos anais dos encontros bianuais do Congresso de Leitura – COLE. A escolha pelos anais se deu pelas discussões atuais que se dão nos eventos científicos, e que muitas vezes são recortes de pesquisas em andamento no momento.

Foram utilizados como termos de busca: “concepções de crianças não alfabetizadas sobre alfabetização”, “sentidos sobre alfabetização” e “perspectiva das crianças sobre alfabetização”. Analisamos somente estudos que tiveram crianças como sujeitos e em que suas vozes foram ouvidas e que buscaram, de algum modo, compreender os sentidos atribuídos por elas à aprendizagem da leitura e da escrita. Dessa forma, foram identificados apenas 15 (quinze) trabalhos.

No primeiro ambiente de busca, a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) encontramos a pesquisa de Campana (2015) por meio do descritor “Sentidos sobre alfabetização”. Já com o descritor “perspectiva das crianças sobre alfabetização”, localizamos as pesquisas de Pinto (2016) e de Costa (2017). Com o descritor “Concepções de crianças não alfabetizadas sobre alfabetização” não foram encontradas pesquisas.

Nos anais digitais da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED), entre os anos de 2006 a 2017, foi encontrado um trabalho (32º reunião) de Fritzen e Silveira (2009). Nos anais de encontros bianuais do Congresso Brasileiro de Alfabetização (CONBALF - 2013⁴ a 2019), encontramos as pesquisas de Medeiros e Lopes (2013), Melo (2015), Guimarães (2015), Silva (2017), Andrade e Estrela (2019), Godim (2019), Azevedo e Jerônimo (2019), Carlos (2019) e de Souza (2019). Um total de nove artigos publicados nos anais digitais dos quatro CONBALF. Nos anais dos encontros bianuais do Congresso de Leitura – COLE foi encontrada a pesquisa de Saravali e Garcia (2014) no 19º COLE e a de Salles, Lins e Costa (2016) no 20º COLE.

4 Ano do primeiro CONBALF

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após a etapa de busca, os estudos encontrados foram lidos por completo e analisados a partir de critérios de singularização e recorrência dos temas-focos em relação ao processo de alfabetização. Considerando a compreensão da alfabetização como processo de aprendizagem da língua escrita, que envolve, como dimensões indissociáveis, a compreensão do Sistema de Escrita Alfabético e o domínio básico de práticas de ler e escrever/produzir textos escritos, um processo de aprendizagem e desenvolvimento conceitual e discursivo (SOARES,1999; 2011; SMOLKA, 2012). Mediante a análise realizada das pesquisas encontradas, foi possível agrupar os estudos em torno dos seguintes temas: A) Alfabetização⁵; B) Escrita; C) Leitura e Escrita, os quais serão expostos a seguir:

Alfabetização

Com foco na Alfabetização foram encontrados dois artigos e uma dissertação de mestrado, resultantes de pesquisas realizadas com crianças matriculadas em turmas de 1º e 2º ano. O artigo de Fritzen e Silveira (2009) tematiza o estudo que buscou compreender como 21 crianças de uma turma de 1º ano na Cidade de Santa Catarina percebem o seu processo de alfabetização. Como metodologia foi utilizado o “espaço de narrativa” a partir da leitura literária de “O menino que aprendeu a ver”, de Ruth Rocha, e a produção dos dados se deu por meio de filmagens, gravações e fotografias. O estudo partiu de questionamentos como: “de que forma a criança percebe o seu processo de alfabetização e letramento?”; Quais estratégias adotam para aprender a ler e escrever na escola e para além dela”; “Como elas percebem e lidam com a linguagem escrita?” e concluiu que a criança compreende e aceita a intencionalidade dos adultos (pais, professores, sociedade) no que diz respeito ao seu processo de alfabetização, chamando para si a responsabilidade de dar conta do universo letrado.

A dissertação de Pinto (2016) teve por objetivo compreender a subjetividade de crianças em processo de aprendizagem da leitura e da escrita em uma turma de 2º ano do ensino fundamental 1. O autor buscou compreender os processos subjetivos das crianças na aprendizagem da leitura e da escrita, como elas integram contextos não escolares ao processo de alfabetização e como as construções criativas das crianças emergem no

5 Como processo inicial de aprendizagem da leitura e da escrita

processo de aprendizagem da linguagem escrita e da leitura. O trabalho está fundamentado na concepção histórico-cultural de Vigotski e nas categorias propostas pela Teoria da Subjetividade de González Rey. Além das crianças, a professora também participou como sujeito da pesquisa. A partir da análise dos dados e da construção da informação concluiu que nessa etapa de ensino a aprendizagem da língua escrita se confunde com o processo de aprendizagem mais amplo e, por isso, a construção de sentidos subjetivos positivos relacionados à alfabetização tem estreita relação tanto com as possibilidades de aprendizagem, quanto com o desenvolvimento da oralidade e da escrita das crianças.

O artigo de Guimarães (2015), foi sobre a aquisição e os significados da leitura e da escrita para a criança que aprende. A partir de questionamentos como: “o que os textos das crianças revelam sobre o papel da leitura e da escrita?” e de “como o letramento é representado pelas crianças?” o estudo analisou a produção textual de 6 crianças matriculadas em uma turma de 2º ano que escreviam textos sobre a importância da leitura. Os resultados da pesquisa mostraram que aquelas crianças atribuíram à leitura e à escrita uma condição para mudança de vida e ascensão econômica e social.

Escrita

Dos estudos encontrados no levantamento, uma dissertação e cinco artigos apresentaram uma discussão maior em relação à escrita, tendo como sujeitos, crianças do Ensino Fundamental. A dissertação de Costa (2017) é resultado de uma pesquisa que buscou compreender quais os motivos que levam os alunos a não se alfabetizarem nos três primeiros anos do ensino fundamental 1. A pesquisa está fundamentada na perspectiva histórico-cultural e teve como sujeitos alunos de 3º e 5º ano. A metodologia privilegiou a observação e encontros dialógicos, a partir de um estudo de caso. O estudo analisou a escrita das crianças segundo a forma convencional da língua portuguesa, no que diz respeito à ortografia e não ao processo de aprendizagem inicial da leitura e da escrita. Concluiu-se que as falhas na interação do professor com os alunos e o não acompanhamento das famílias em relação à vida escolar das crianças contribuíram para que os alunos não se alfabetizassem, após cursarem os três primeiros anos do ensino fundamental.

Medeiros e Lopes (2013) pesquisaram os contextos/situações de interação de crianças com a escrita e publicaram em formato de artigo. Foi realizado um estudo de caso com 9 crianças do 2º ano, seus pais e

a diretora da escola. Como procedimentos metodológicos foram utilizados questionário, entrevista semiestruturada e observação do tipo semi participativa. A pesquisa permitiu analisar os contatos escolares e extraescolares das crianças com a leitura e a escrita, a partir das falas das crianças, concluindo que as crianças constroem conhecimentos significativos sobre a escrita, em seus contextos diversos.

Melo (2015) pesquisou a aquisição da língua escrita por alunos do 2º ano do ensino fundamental. O artigo foi resultado de uma pesquisa que apesar de ter como parte do seu título “A aquisição da língua escrita por alunos...” teve como foco principal analisar a escrita ortográfica dos sujeitos e não a aquisição da linguagem escrita. A autora realizou observações em sala de aula e analisou a escrita por meio de uma redação proposta aos alunos. Concluiu-se que as incoerências ortográficas- a partir do olhar da pesquisadora em relação à escrita convencional da língua portuguesa- das escritas das crianças estavam de acordo com as práticas dos contextos na qual estavam inseridos.

Silva (2017) buscou compreender o que as crianças que apresentam dificuldades na aprendizagem em seu processo inicial de alfabetização pensam a respeito das suas dificuldades. O estudo publicado em artigo teve como sujeitos da pesquisa crianças que a escola acredita possuírem um déficit de aprendizagem. São alunos de uma turma de 1º ano do ensino fundamental 1, ouvidos por meio de uma metodologia de inspiração psicanalítica, chamada de diagnóstico clínico-pedagógico. Metodologia essa que possibilita identificar as dificuldades para aprender e se estas são de ordem conceitual-pedagógica ou subjetiva. Após a escuta das crianças, o estudo concluiu que para os sujeitos não havia dificuldade de aprendizagem, eles apenas tinham interesse em outros saberes, para além da escrita trabalhada na escola.

Godim (2019) pesquisou os conhecimentos e sentidos que as crianças de uma turma de 2º ano têm sobre a escrita a partir de seus discursos orais e escritos. Em seu artigo situa a perspectiva dialógica de Bakhtin na pesquisa, que teve como procedimentos metodológicos observação, interpretação de eventos registrados em caderno de campo e de gravações em áudio. Foram realizadas descrições e análises das unidades da comunicação discursiva, compreendidas como os enunciados entre os sujeitos no espaço da sala de aula. A autora concluiu que as crianças apresentam conhecimentos diversos em relação à linguagem escrita, no que diz respeito a aspectos de ortografia e produção textual, que permitem que elas atribuam sentidos diferentes à escrita.

Souza (2019) pesquisou os sentidos da escrita para crianças matriculadas em uma turma do 5º ano do Ensino Fundamental. A pesquisa publicada como artigo foi de natureza qualitativa, etnográfica, na qual a pesquisadora realizou entrevista semiestruturada com as crianças, a direção da escola, a professora, a coordenação e com os pais. Ademais, a pesquisadora realizou observação participante, acompanhando aulas de produção textual de haicais. Ela perguntou às crianças o que elas achavam de suas produções. Concluiu-se que a concepção de escrita, o valor atribuído a ela e a compreensão de suas funções sociais por parte das crianças, estão ligadas aos fatores históricos, socioeconômicos e culturais na qual estão inseridos.

Leitura e Escrita

Este foi o tema de quatro artigos dos quinze trabalhos encontrados no total. As pesquisas com foco principal em leitura e escrita foram realizadas com crianças do último ano da Educação Infantil e de 3º e 4º anos do Ensino Fundamental.

Andrade e Estrela (2019) objetivaram em sua pesquisa identificar como se configuram as concepções e as diferentes interações da leitura e escrita, construídas por crianças do terceiro ano do Ensino Fundamental de uma escola pública situada no estado da Bahia. Como metodologia foi realizada entrevista semiestruturada, com questionamentos sobre as concepções das crianças em relação à alfabetização, à leitura e à escrita, que revelaram uma valorização da leitura e da escrita pelas crianças apenas no âmbito escolar e que as concepções dos sujeitos são influenciadas pelas experiências vividas.

Azevedo e Jerônimo (2019) buscaram compreender o que crianças do último ano da Educação Infantil e do primeiro ano do Ensino Fundamental apresentam em seus discursos, sobre percepções do que é ler e escrever. A perspectiva teórica adotada foi a histórico-cultural como aporte teórico-metodológico, fazendo uso de entrevista como recurso para ouvir as crianças. As falas dos sujeitos revelaram mudanças e permanências no que diz respeito às práticas de linguagem oral e escrita na passagem da Educação Infantil para o Ensino Fundamental. Também indicaram uma forte ligação entre os discursos revelando sentido ao ato de ler e escrever, considerado por elas como necessidade de comunicação, interação social e independência.

Carlos (2019) realizou pesquisa qualitativa a partir da perspectiva histórico-cultural, na qual entende a linguagem como enunciativo-discursiva.

A pesquisa buscou analisar as concepções de leitura e escrita de alunos de uma escola no Cuiabá, de uma turma de 4º ano do Ensino Fundamental, por meio de observação, questionário, e registro de diário de campo. Constatou que as crianças, sujeitos da pesquisa, atribuíam à leitura e à escrita um sentido escolarizado, de ascensão social. Muitas declararam não demonstrarem prazer durante as atividades propostas e realizadas na escola.

Salles, Lins e Costa (2016) em seu artigo apresentaram uma pesquisa sobre o que dizem e pensam as crianças sobre ler, escrever, os fazeres e aprenderes na escola. O objetivo da pesquisa foi refletir sobre os sentidos e referências que as crianças atribuem a essas práticas. Os sujeitos da pesquisa foram crianças da Educação Infantil e do primeiro ano, e como instrumento de coleta de dados, utilizou de observações e entrevistas. A partir das falas das crianças concluiu-se que o sentido que elas atribuem ao ler e escrever na escola resume-se à memorização e reconhecimento de letras.

Com os dados das pesquisas acima citadas podemos organizá-las de acordo com o seguimento e turmas na qual os sujeitos participantes estavam matriculados, a fim de ter um panorama em relação à qual tem sido o foco das pesquisas, em se tratando dos sujeitos em processo de alfabetização.

Quadro 1 – Identificação das etapas/turmas dos sujeitos dos estudos. (elaborado pelas autoras)

Ed. Infantil e/ou 1º ano	2º ano	3º ano	4º e 5º ano
Alfabetização e Letramento: o que dizem as crianças. (FRITZEN e SILVEIRA, 2009.)	De pé no chão também se aprende a escrever. (MEDEIROS e LOPES, 2013)	Concepções sobre leitura e escrita e interações construídas por crianças no final do primeiro ciclo do ensino fundamental. (ANDRADE e ESTRELA, 2019)	O que eles (as) pensam sobre a leitura e a escrita? Contribuições para ressignificar a linguagem em uma turma de 4º ano do ensino fundamental. (CARLOS, 2019.)
III- Dificuldades na Alfabetização: do saber da ciência, ao dizer dos alunos. (SILVA, 2017)	A Aquisição da língua escrita por alunos do segundo ano do ensino fundamental. (MELO, 2015)		Sentidos da escrita para os estudantes do 5º ano do ensino fundamental de uma escola da rede pública de Belo Horizonte. (SOUZA, 2019)

Ed. Infantil e/ou 1º ano	2º ano	3º ano	4º e 5º ano
<p>O que é ler e escrever? Sentidos de crianças da educação infantil e ensino fundamental. (AZEVEDO e GERÔNIMO, 2019)</p>	<p>Significados da leitura e da escrita para a criança que aprende. (GUIMARÃES, 2008)</p>		<p>Por que alguns alunos chegam ao 6º ano do ensino fundamental sem saber ler e escrever? (COSTA, 2017)</p>
<p>20º - O que dizem e pensam as crianças sobre ler, sobre escrever, os fazeres e aprenderes no cotidiano da escola. (SALLES; LINS; COSTA, 2016)</p>			
<p>A criança e a escrita: a alfabetização como processo subjetivo. (PINTO, 2016)</p>			

A partir do quadro acima, é possível perceber que as pesquisas com crianças, sobre o aprendizado da leitura e da escrita, concentram-se em sua maioria com crianças da educação infantil e de turmas de 1º e 2º ano do Ensino Fundamental. Segundo os documentos oficiais atuais que orientam a organização curricular das redes de ensino, são essas as turmas que têm como foco principal o trabalho com alfabetização⁶. Porém, os resultados das últimas avaliações nacionais como da Avaliação Nacional de Alfabetização (ANA) de 2016, que visou conferir os níveis de alfabetização e letramento das crianças que estão concluindo as turmas do ciclo de alfabetização na rede pública de ensino, bem como os números do IDEB, mostram que ainda é preocupante o número de crianças com déficit no processo de alfabetização. Assim, são grandes os números de alunos que chegam ao 4º e 5º sem estarem alfabetizados.

Como mencionado anteriormente os últimos dados publicados pela ANA (BRASIL, 2016), revelaram que 54,73% das crianças acima de oito anos encontravam-se em níveis insuficientes de leitura; ou seja, quase metade das crianças que estavam concluindo o terceiro ano do ensino

6 A atual Política Nacional de Alfabetização- PNA, bem como o programa Tempo de Aprender (do governo federal) orientam que o trabalho com alfabetização inicie ainda na educação infantil.

fundamental não estavam alfabetizadas. Entretanto, essas crianças são pouco citadas e raramente ouvidas nas pesquisas, quando o assunto é o processo de alfabetização.

Dois dos trabalhos encontrados (Campanha, 2015 e Saravali e Garcia, 2014) em nossa busca trouxeram sujeitos que não eram crianças, mas adolescentes e adultos. A dissertação de mestrado intitulada “Para que serve ler e escrever? Para quem serve ler e escrever? Uma investigação sobre a constituição de sentidos da leitura e da escrita”, de Campanha (2015) teve adultos como sujeitos da pesquisa, sendo apenas 1 alfabetizado. Sua fundamentação teórica-metodológica foi o Materialismo Histórico Dialético e fez uso da dinâmica conversacional de González Rey. Os instrumentos utilizados na pesquisa foram um checklist que teve como objetivo caracterizar as atividades de leitura e escrita realizadas pelos sujeitos, e um roteiro semiestruturado contendo questões abertas divididas em dois grandes temas: experiências vividas envolvendo a língua escrita e opiniões do sujeito a respeito da mesma. Dentre os resultados da pesquisa, presentes em sua dissertação, constatou-se que o modo de se ensinar a linguagem escrita na escola, a presença de elementos culturais no entorno, as desigualdades sociais e as características do modo de produção capitalista foram reveladas como determinantes na apropriação da linguagem escrita pelos sujeitos.

O artigo intitulado “Aprender e não aprender por quem não aprende: um estudo evolutivo psicogenético”, de Saravali e Garcia (2014) foi outro trabalho na qual os sujeitos não eram, em sua totalidade, crianças. Na verdade a pesquisa foi realizada A pesquisa foi realizada com 40 alunos que - segundo os seus professores - apresentavam dificuldade de aprendizagem, tendo como metodologia o estudo evolutivo transversal baseado no método clínico-crítico piagetiano, na qual os sujeitos foram submetidos a dois instrumentos metodológicos: o desenho e o curtametragem. Estes revelaram em seus desenhos, os motivos pelos quais acreditavam que levava alguém a aprender/não aprender.

Mesmo com essas diferenças relacionadas às turmas e idades dos sujeitos dos estudos encontrados serem diferentes dos que buscávamos, as pesquisas de algum modo dialogam com o objetivo desse estudo, sobretudo a de Saravali e Garcia (2014) que buscou investigar quais são as ideias das crianças e adolescentes a respeito do aprender e do não aprender.

Ademais, o levantamento nos apontou que as pesquisas publicadas em teses,⁷ dissertações e artigos - a partir do recorte feito - que discutem alfabetização em sua maioria trazem, como sujeitos, crianças do último ano da Educação Infantil ou do 1º e 2º do Ensino Fundamental. Nenhum dos trabalhos encontrados tematizou as perspectivas das crianças não alfabetizadas – de 4º e 5º ano - a respeito de como elas significam esse processo. As únicas pesquisas encontradas com alunos de 4º e 5º buscaram analisar a leitura no contexto escolar e a escrita na perspectiva do trabalho com a gramática. Mesmo nas pesquisas com turmas iniciais do ensino fundamental, poucas são as que se interessaram e se dispuseram a ouvir as crianças no que diz respeito a conhecer o que elas pensam e como significam o processo de aprender.

Os estudos revelaram que ainda são poucas as investigações com crianças dos últimos anos do Ensino Fundamental, e que existe uma ausência de estudos que se aproximem do nosso objeto. Desse modo, esse estudo contribui para incitar e ampliar discussões a respeito de crianças não alfabetizadas matriculadas em turmas de 4º e 5º ano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos revelaram que ainda são poucas as investigações com crianças dos últimos anos do Ensino Fundamental, sobretudo com crianças não alfabetizadas matriculadas em turmas de 4º e 5º ano. No que diz respeito à presença de vozes de crianças não alfabetizadas sobre as suas aprendizagens/não aprendizagens, existe uma ausência de estudos, dentro do recorte temporal definido no início da pesquisa (2006-2020). Desse modo, esse trabalho contribui para incitar e ampliar discussões a respeito de crianças não alfabetizadas matriculadas em turmas de 4º e 5º ano.

Com algumas semelhanças e diferenças, os estudos analisados possibilitam perceber o quanto as preocupações presentes nas pesquisas relacionadas à leitura e à escrita ainda circulam, em sua maioria, em torno de questões relacionadas à ortografia e à fluência na leitura. Dos estudos aqui analisados, poucos realmente trouxeram discussões a respeito do processo de alfabetização em si.

Ademais, as discussões aqui presentes apontam para uma necessidade urgente de inserir as crianças maiores nas pesquisas científicas, sobretudo dar voz ao que elas têm a dizer sobre as suas experiências escolares, a fim de contribuir para se pensar nas práticas destinadas a elas. A

7 Não foi encontrada nenhuma tese com a temática a que objetiva esse estudo

urgência é, como já afirmava Sarmiento (2007), promover uma ciência que resgate a voz das crianças.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, M. E. B. e ESTRELA, S. C. (2019). **Concepções sobre leitura e escrita e interações construídas por crianças no final do primeiro ciclo do ensino fundamental.** Disponível em: <http://abalf.org.br/wp-content/uploads/2020/01/IV-CONBALF-Anais-VOLUME-2-COMPLETO-compactado.pdf>

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família.** 2ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 2006

AZEVEDO, B. R. C. T. e JERÔNIMO, M. I. (2019). **O que é ler e escrever? Sentidos de crianças da educação infantil e ensino fundamental.** Disponível em: <http://abalf.org.br/wp-content/uploads/2020/01/IV-CONBALF-Anais-VOLUME-2-COMPLETO-compactado.pdf>. P. 1079.

BRASIL. Ministério da Educação. **Avaliação nacional da alfabetização (ANA): edição 2016.** Brasília: INEP, 2016. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/outubro-2017-pdf/75181-resultados-ana-2016-pdf/file>. Acesso em: 02 de Agosto de 2021.

CAMPANA, Carla. Para que serve ler e escrever? Para quem serve ler e escrever? Uma investigação sobre a constituição de sentidos da leitura e da escrita. 2015. 247 F. Dissertação (Mestrado em Psicologia)- Pontifícia Universidade de São Paulo PUC-SP, 2015.

CARLOS, T. R. (2019) **O que eles(as) pensam sobre a leitura e a escrita? Contribuições para ressignificar a linguagem em uma turma de 4º ano do ensino fundamental.** Disponível em: <http://abalf.org.br/wp-content/uploads/2020/01/IV-CONBALF-Anais-VOLUME-2-COMPLETO-compactado.pdf>. P. 1537.

COSTA, A. O. (2017). **Por que alguns alunos chegam ao 6º ano do Ensino Fundamental sem saber ler e escrever?** Disponível em: <http://repositorio.ufjf.br:8080/jspui/handle/ufjf/6022>

DAHLBERG, Gunilla; MOSS, Peter; PENCE, Alan. **Qualidade na Educação da Primeira Infância**. Porto Alegre: Artmed, 2019.

FRITZEN, C. e SILVEIRA, R. F. K (2009). **Alfabetização e Letramento: o que dizem as crianças**. Disponível em: <http://32reuniao.anped.org.br/arquivos/trabalhos/GT10-5592--Int.pdf>

GONDIM, R. R. (2019). **Discursos infantis: o que as crianças sabem e o que dizem sobre escrita na escola?** Disponível em: <http://abalf.org.br/wp-content/uploads/2020/01/IV-CONBALF-Anais-VOLUME-2-COMPLETO-compactado.pdf> P. 101.

GUIMARÃES, D. M. L. O. (2008). **Significados da leitura e da escrita para a criança que aprende**. Disponível em: <http://abalf.org.br/wp-content/uploads/2015/02/SIGNIFICADOS-DA-LEITURA-E-DA-ESCRITA-PARA-A-CRIAN%C3%87A-QUE-APRENDE.pdf>

KRAMER, Sônia. _____ A infância e sua singularidade. In BRASIL, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO BÁSICA. **Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade/organização Jeanete Beauchamp, Sandra Denise Pagel, Aricélia Ribeiro do Nascimento**. Brasília: Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica, 2007.135 p. : il.)

MEDEIROS, A. F. e LOPES, D. M.C (2013). **De pé no chão também se aprende a escrever**. Disponível em: <http://abalf.org.br/wp-content/uploads/2019/12/Eixo-4.pdf> (P1 À 13)

MELO, M. M. (2015). **A Aquisição da língua escrita por alunos do segundo ano do ensino fundamental**. Disponível em: <http://abalf.org.br/wp-content/uploads/2015/02/A-AQUISI%C3%87%C3%83O-DA-L%C3%8DNGUA-ESCRITA-POR-ALUNOS-DO-SEGUNDO-ANO-DO-ENSINO-FUNDAMENTAL.pdf>

PINTO, K. P. de Souza (2016). **A criança e a escrita: a alfabetização como processo subjetivo**. Disponível em <http://repositorio.unb.br/handle/10482/24127>

SALLES, Conceição Gislane Nóbrega Lima de Salles; LINS, Carla Patrícia Acioli; COSTA, Maria das Graças Soares da. **O que dizem e pensam as crianças**

sobre ler, sobre escrever, os fazeres e aprenderes no cotidiano da escola. Linha Mestra. v. 10. n. 30. p. 1172-1175.set.dez.2016.

SARAVALI, Eliane Giachetto; GARCIA, Mariana Artero. **Aprender e não aprender por quem não aprende:** um estudo evolutivo psicogenético. In: Linha Mestra, N.24, JAN.JUL.2014.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Visibilidade Social e estudo da infância. In SARMENTO, Manuel Jacinto; VASCONCELLOS, Vera Maria Ramos. **Infância (in)visível.** Araraquara, SP: Junqueira&Marin, 2007.

SILVA, M. M. M. (2017). **Dificuldades na Alfabetização:** do saber da ciência, ao dizer dos alunos. Disponível em: <http://abalf.org.br/wp-content/uploads/2016/06/III-CONBALF-ANAIS-2017-MIOLO-ALTA-RESOLU%C3%87%C3%83O.pdf> P. 723

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento.** 6.ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2011.

SOARES, Magda Becker. **Aprender a escrever, ensinar a escrever.** In ZACCUR, Edwiges (Org.). A magia da Linguagem. Belo Horizonte: Ed. DP e A, 1999.

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. **A criança na fase inicial da escrita:** alfabetização como processo discursivo. 13ª ed. – São Paulo: Cortez, 2012.

SOUZA, S. C. P. L. (2019). **Sentidos da escrita para os estudantes do 5º ano do ensino fundamental de uma escola da rede pública de Belo Horizonte.** Disponível em: <http://abalf.org.br/wp-content/uploads/2020/01/IV-CONBALF-Anais-VOLUME-2-COMPLETO-compactado.pdf>. P. 1559.

VIGOTSKI, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem.** Tradução: Paulo Bezerra. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.